

Políticas Públicas NA Educação BRASILEIRA

Diversidade

Atena Editora



Atena Editora

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:
DIVERSIDADE**

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Profª Drª Adriana Regina Redivo – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª. Drª. Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P769	Políticas públicas na educação brasileira: diversidade / Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 227 p. : 2.528 kbytes – (Políticas Públicas na Educação Brasileira; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-93243-76-9 DOI 10.22533/at.ed.769182003 1. Educação e Estado – Brasil – Multiculturalismo. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Série. CDD 379.81
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

Sumário

CAPÍTULO I

A AFIRMAÇÃO DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA E A LEI 10.639/03

Érica Monale da Silva Gomes, Paula Paulino da Silva, Suzana dos Santos Cirilo e Ivonildes da Silva Fonseca..... 5

CAPÍTULO II

A ANTROPOLOGIA COMO PONTO DE REFLEXÃO SOBRE A DIVERSIDADE NOS CURSOS DE DIREITO

Rafael Gomes da Silva Carneiro e Brenno Fidalgo de Paiva Gomes16

CAPÍTULO III

A ESCOLA DO CAMPO E OS SURDOS CAMPONESES: IMPASSES E POSSIBILIDADES FRENTE À INCLUSÃO ESCOLAR

Tamires de Campos Leite e Nágib José Mendes dos Santos.....25

CAPÍTULO IV

A LITERATURA AFRICANA NO ENSINO DE HISTÓRIA: CONSTRUINDO PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA EM SALA DE AULA

Edmar Ferreira Santos35

CAPÍTULO V

A POLÍTICA DE IGUALDADE DE GÊNERO NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS: ASPRIMEIRAS ASPIRANTES NA ESCOLA NAVAL

Hercules Guimarães Honorato.....48

CAPÍTULO VI

A PRODUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA DO CAMPO: CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS

Maysa Conceição de Farias Albuquerque, Emanuelle de Oliveira Belisario e Maria Joselma do Nascimento Franco 60

CAPÍTULO VII

ARTE E CONSCIÊNCIA NEGRA: PRODUÇÃO DE SABERES NA INTERFACE ESCOLA E TERREIRO DE UMBANDA

Brenno Fidalgo de Paiva Gomes, Lílian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa e Rafael Gomez da Silva Carneiro 73

CAPÍTULO VIII

BOA ALUNA, MAU ALUNO

Hellen Cristina de Oliveira Alves81

CAPÍTULO IX

CONCEPÇÕES DA PROPOSTA CURRICULAR E A PRÁTICA DE SALA DE AULA SOBRE A TEMÁTICA DA DIVERSIDADE EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL DE SÃO LOURENÇO DA MATA – PE

Joel Severino da Silva e Luciana Menezes de Lima Mendes87

CAPÍTULO X

DOMINAÇÃO MASCULINA E ESCOLA PÚBLICA

Alan Isaac Mendes Caballero98

CAPÍTULO XI

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA REFLEXÃO DA PRÀXIS PEDAGÓGICA QUE LEVAM AS ATITUDES DISCRIMINATÒRIA

Suely Marilena da Silva e Fernanda Carvalho Guimarães 110

CAPÍTULO XII

EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENFOQUE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM MURITIBA/BA

Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro, Grasiela Lima de Oliveira, Maria Juliana Chaves de Sousa e Alessandra Alexandre Freixo 128

CAPÍTULO XIII

EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A INCLUSÃO DOS POVOS CIGANOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO BRASILEIRO.

Maria Raquel Alves da Rocha 140

CAPÍTULO XIV

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: UMA FRONTEIRA QUE NECESSITA SER DESFEITA

Anna Carla Ferreira de Araújo e Anna Cristina Ferreira de Araújo 152

CAPÍTULO XV

JOGOS COOPERATIVOS E O PROBLEMA DA COEDUCAÇÃO – REFLEXÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Cynthia Nery da Silva, Jéssica Dayane da Silva Martins, Rayane dos Santos Borges, Silvana Nóbrega Gomes e Lígia Luís de Freitas 161

CAPÍTULO XVI

O SILENCIAMENTO DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: O AVANÇO DO CONSERVADORISMO NO BRASIL E NO RECIFE

Isabella Nara Costa Alves 170

CAPÍTULO XVII

O/A DOCENTE DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO/A MONITOR/A EM ALTERNÂNCIA

Grasiela Lima de Oliveira, Alessandra Alexandre Freixo e Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro 182

CAPÍTULO XVIII

OS CONFETOS DAS BICHAS DOCENTES COMO MARCADORES DA HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO

Roberto Vinício Souza da Silva, Rosemary Meneses dos Santos e Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento..... 195

CAPÍTULO XIX

RELAÇÕES RACIAIS NO ENSINAR A CUIDAR EM ENFERMAGEM: DESAFIOS E OS POSSÍVEIS AVANÇOS NESSE CAMPO DE CONHECIMENTO

Valdeci Silva Mendes e Candida Soares da Costa..... 208

Sobre os autores.....222

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA REFLEXÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA QUE LEVAM AS ATITUDES DISCRIMINATÓRIAS

**Suely Marilena da Silva
Fernanda Carvalho Guimarães**

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA REFLEXÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA QUE LEVAM AS ATITUDES DISCRIMINATÓRIAS

Suely Marilena da Silva

suely.marilene@gmail.com(UFPE)

Fernanda Carvalho Guimarães

fernandacgcarvalho@gmail.com (UFPE)

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso buscar descrever e analisar alguns procedimentos pedagógicos que levam as atitudes discriminatórias em relação com os alunos negros em sala de aula. Sustento o conteúdo com uma pesquisa cujos fundamentos foram extraídos de grandes autores em suas referências, a partir das considerações destes autores analisei seus procedimentos históricos veiculados em livros investigados e paradigmáticos. Espera-se que os procedimentos possam fazer parte do uso em cotidiano de uma transmissão de conscientização do valor do ser humano, enquanto gente, e não por sua cor/raça. Observa-se que a pesquisa demonstrou a valorização do negro e sua origem, fazendo com isso uma ligação entre o trabalho do professor em sala de aula e os métodos pedagógicos para uma socialização entre o branco e o negro, ensinando-os em convivência na escola e sociedade.

PALAVRAS-CHAVES: racismo. sociedade, escola, relações pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira caracteriza-se por uma pluralidade étnica, sendo este o produto de um processo histórico que inseriu num mesmo cenário três grupos distintos: portugueses, índios e negros de origem africana. Esse contato favoreceu o intercuro dessas culturas, levando a construção de um país inegavelmente miscigenado, multifacetados, ou seja, uma unidade marcada pelo antagonismo e pela imprevisibilidade.

Apesar do intercuro cultural descrito acima, esse contato desencadeou desencontros. As diferenças se acentuaram, levando a formação de uma hierarquia de classes que deixavam evidentes a distância e prestígio social entre colonizadores e colonos. Os índios e, em especial, os negros permaneceram em situação de desigualdade situando-se na marginalidade e exclusão sociais, sendo esta última compreendida por uma relação assimétrica em dimensões múltiplas-econômicas, política, cultural. Sem a assistência devida dos órgãos responsáveis, os sujeitos tornam-se alheios ao exercício da cidadania.

Esse acontecimento inicial parece ter de algum modo subsistido, contribuindo para o quadro situacional do negro. O seu cotidiano coloca-o frente a vivência de circunstâncias como o preconceito, descrédito evidenciando a sua difícil inclusão social na escola.

Sendo assim, busca-se por meio deste trabalho compreender como são construídas as relações raciais num dos espaços da superestrutura social do país que é a escola e como ela contribui para a formação da identidade das crianças, adolescentes e jovens negros. Sendo assim, é importante que toda a comunidade escolar esteja atenta para esses problemas considerados corriqueiros e que aparecem de forma sutil, não aconteçam no espaço das salas de aula.

O Multiculturalismo e a identidade multiculturais negra para isso estão utilizando os seguintes autores Munanga (2000), Melucci (2004), Rosenberg (2002), Santos (2005) que para mim são importantes para realidade cultural de nossa sociedade. Neste capítulo também está dividido em três tópicos.

A metodologia foi através de uma pesquisa de campo na abordagem qualitativa (Minayo, 1992, p.22). “Este trabalho foi realizado em duas escolas da rede estadual na cidade de Recife- PE, no ano de 2016, a fim de ampliar os conhecimentos a respeito do tema: educação antirracista: uma reflexão da práxis pedagógica que levam as atitudes discriminatórias” abordado por esta pesquisadora, usando como método de trabalho observação na escola e entrevista, elaborada em questionário com 02 professores e 02 alunos da referida escola.

Este artigo tem sua relevância social, pois a partir de minha pesquisa de campo foi possível levantar informações que podem contribuir para melhoria dos estudantes negros (as) em situação da discriminação nas escolas da cidade do Recife. Os desdobramentos propostos nessa pesquisa é uma tentativa de problematizar como o preconceito racial, assim como o racismo, é determinante na escolha desses jovens negros (as) da cidade de Recife-PE.

DESENVOLVIMENTO

1. Preconceito, rejeição na sociedade escolar

Este estudo visa investigar o processo de produção de práticas pedagógicas preconceituosas envolvendo escolares vitimados pela violência racial no contexto da sociedade capitalista contemporânea.

Consideramos que para se compreender esta questão é necessário inserir a mesma em um contexto maior, ou seja, analisa-lo no âmbito geral da sociedade, pois, acreditamos que tanto a violência como o preconceito são produzidos dentro das relações sociais.

É sabido que a violência sempre esteve na vida dos homens. Como observa Britto e Lamarão (1994): “á medida que o individualismo foi assumindo formas mais agnósticas, a impessoalidade foi, gradativamente, ocupando espaços antes caracterizados por contatos face a face.”

A violência física está se roteirizando, deixando de ser excepcional para tornar-se uma marca do cotidiano. A exclusão social de um modo geral caracteriza-

se por afastar o indivíduo do meio social em que vive. Pode estar relacionado a vários fatores sejam elas, políticos, econômicos, religiosos entre outros.

O preconceito racial é uma forma de exclusão social bastante comum no mundo, porém pode-se observar que no Brasil, apesar de ser um país com população em sua maioria negra, o racismo é uma prática muito frequente, o que nos leva a pensar em qual seria o verdadeiro motivo para tamanha discriminação.

Aos antecedentes históricos mundiais podem ser considerados como prova de que o negro sempre foi discriminado em todos os aspectos, não tinham, por exemplo, direito a escola e até a Lei do ventre livre ser decretada não tinha direitos sem sobre seus filhos, pois, esses na hora do nascimento eram considerados propriedade dos senhores como era chamado os homens de pele branca que tinham condições financeiras de manter sobre seu poder vários escravos e quanto maior o número desses, maior seria seu prestígio perante a sociedade.

É fato que no mercado de trabalho e na sociedade as pessoas de pele negra são menos aceitas que pessoas de pele branca. É óbvio que a cor da pele não pode ser tida como referência para as capacidades pessoais dos indivíduos, bem como a competência de ninguém, mas infelizmente no Brasil, um país negro por natureza ainda não aceita esta realidade.

É preciso que os negros sejam vistos e tratados como pessoas comuns e normais que são, e não como inferiores aos brancos. Esse é apenas o primeiro passo para a sociedade se tornar preconceituosa.

Neste momento, a violência está se apresentando na vida dos homens de forma naturalizada, pois a todo o momento nos deparamos com diferentes tipos de violência, sejam elas nas ruas, nos meios de comunicação, nas escolas, ou nas famílias. Nesta perspectiva Steiner (1986, p.3) afirma:

Nossa sociedade é permissiva para com a violência, incorpora-a a seu cotidiano de forma a que não nos espantemos mais com as notícias de assassinatos e brutalidade cometidas indiscriminadamente contra adultos, velhos e crianças que inundam os jornais e noticiários [...] Esta perda da capacidade de espanto diante da violência, este dar de ombros, indiferente e apressado, acaba nos tornando cúmplices passivos de fatos que são aceitos como fazendo parte dos destinos trágicos da humanidade. Steiner (1986, p.3)

Nesse sentido podemos salientar ainda o estudo feito revela que estudamos negros têm desempenho escolar pior do que alunos brancos.

Uma das conclusões da pesquisa elaborada pela UNESCO sustenta que o baixo rendimento dos alunos negros esta diretamente relacionada a uma forma velada de PRECONCEITO que ganha força no ambiente escolar, disseminado inclusive por professores.

A UNESCO também realizou um estudo qualitativo em 25 escolas de ensino fundamental e médio sobre as relações raciais nas salas de aula, no recreio e no

entorno das escolas. Foram ouvidas 500 pessoas em grupos focais e 132 em entrevistas desempenho escolar entre alunos negros e brancos.

A pesquisa também fez uma avaliação sobre a política de cotas o movimento negro, a lei que institui o ensino sobre África e a cultura nas escolas.

No estudo de casos os pesquisadores encontraram histórias chocantes de Racismo na escola, professores que batem com caderno no rosto de alunos negros, alunos que choram aos cantos, que são vítimas de racismo e até alunos negros que discrimina outro da mesma raça. "mas pior é o racismo velado, aquele que cala, silencia," ressalta Britto.

A escola, sendo parte da sociedade, também sofre e serve como reprodutora da ordem estabelecida, portanto, também produzirá a violência por meio de várias formas, sejam elas a simbólica, física, a inclusão, a elitização do saber ou do preconceito.

Desta forma, a escola faz com que o preconceito seja disseminado na mesma proporção que aquela da sociedade. "A escola reproduz as diferenças sociais, perpetua o status e, portanto, é uma instituição altamente discriminadora e repressiva" (ARANHA, 1989, p.128).

O estudo descrevia ainda que sejam na escola os apelidos pejorativos e diversas formas de preconceito contra estudantes negros. O problema costuma ser marcado, como se o racismo fosse brincadeira. "Tem estudante branco que chama o colega de neguinho e a vítima ainda acha que é uma forma carinhosa de tratar", diz.

Para a escola, o que escapa às normas, o que não vai bem, o que não funciona como deveria, é transformado em doença, em problema biológico, individual ou social.

Reforçando ainda mais essas colocações, Damergian in Steiner (1986, p.11) explica que a possibilidade de imperfeição está sempre na criança (adolescentes) e nunca na escola:

A mão piedosa também se ergue através do processo educacional. Silenciosa, disfarçada, ela rotula, humilha, denigre, discrimina, estigmatiza, limítrofes e por aí adiante. Muitas vezes, a mão piedosa se encarrega de separar, discriminar, para que se tornem bastante visíveis aquelas crianças que são escolhidas como bodes expiatórios para as falhas da instituição educacional. Damergian in Steiner (1986, p.11)

Depois de rotulada, etiquetada, segregada em classes especiais a criança, adolescentes tem suas possibilidades de crescimento cercados por uma limitação que lhe é imposta de fora. O seu potencial interno, pequeno ou grande, fica estancado por esta restrição. O destino desta criança ou adolescente está traçado: ir se arrastando pelas classes especiais ou pelas "filas dos atrasados", há quem pouco ou nada se dá. Damergian in Steiner (1986, p.11)

No Brasil, pretende-se erradicar o racismo com leis. Só a educação poderá esclarecer a todos, sobretudo aos brancos, o que representou para a raça negra o que

Ihe foi imposto pelo tráfico escravista. A igreja se julgava com direito de catequizar aqueles que nada sabiam da religião católica, O governo nada fez, depois da abolição para dar aos ex-escravos condições de estudar e conquistar um lugar na sociedade. O Brasil está muito longe de ser um país onde todos sejam iguais. O espaço e a visibilidade que o negro tem em nossa, não permite que ele sirva de referência.

2. Discriminação na Educação Escolar

Nas pesquisas feitas a discriminação tem sido promovida e reforçada na educação escolar de diversas formas. As condições que muitos governos vêm dando a escola pública são alguns fatores que fazem com que o próprio educador acabe, sem perceber reproduzindo e reforçando a discriminação e o preconceito, os quais acabem por gerar a violência, Lopes (2002, p.10).

Portanto os educadores discutem sobre o que é o racismo e sobre os seus próprios preconceitos, como se reporta (KRAMER, 1995, p.69).

Defendendo a idéia de que precisamos sempre lembrar a história -a de cada um de nós e a de todos conhecer a história, estudar a história, desatando a linguagem acorrentada por tão diversas mudanças,ameaças,correntes,grilhões. Destaco ainda, que os profissionais da educação precisam discutir o racismo e seus próprios preconceitos, temas que, com frequência, não tem sido reconhecido como legitimamente pedagógica. Encontro racismo e preconceito nas coisas da escola? Sim, e muito; e como poderia ser de outro modo? Estamos falando de uma instituição que: Busca homogeneidade (remanejamento , etc) tem um perfil de bom aluno, do bom professor; acredito que existe o melhor método, uma única melhor maneira de ensinar isto ou aquilo; que tem especial apego a escolas de desenvolvimento, a padrões de aprendizagem..., que padroniza, que tem nas grades (curricular) a base de seu trabalho: que separa, se agrega, desagrega, valoriza a delação, desunião, a premiação e o castigo.” (KRAMER, 1995, p.69).

No cotidiano de nossa prática observamos que ainda nos falta conhecimento, instrumentos para lidarmos com estas questões, de diversidade de gênero, classe e étnico-social de nossas crianças e adolescentes e de nossa história.

Felizmente são significativos os esforços realizados nas últimas duas décadas, em várias partes do mundo, visando construir um repertório de conhecimentos específicos ao ensino.

Em pesquisas feitas observa-se que levar á pratica uma educação intelectual, implicará que o docente possua uma clara compreensão do mecanismo políticos, sociais, culturais e educacionais que promovem, em maior ou menor escala em todo o planeta, toda a sorte de preconceitos e discriminações com base nas diferenças culturais. Esse professor deveria ser capaz de ajudar a promover reflexões que conduzissem a ações viradas para um diálogo frutuoso com outro, o diferente. Um

ponto importante a ser desenvolvidos, é o da necessidade do professor questionar, conhecer e definir sua identidade social, como assim se afirmar como parte integrante de um grupo social.

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas consequências práticas, os conhecimentos dos professores, como os de quaisquer, prática, os conhecimentos dos professores, como os de quaisquer outros profissionais necessitam, por conseguinte de uma formação contínua e continuada.

Podemos observar ainda que as relações dos próprios educadores com as crianças e adolescentes mostravam o quanto esta questão permanecia no seu entendimento fazendo com que os educadores não utilizassem o seu senso-critico, a sua sensibilidade e a sua aprendizagem para desfazer essas atitudes rançosas, contribuindo assim para o reforço do preconceito, confirmando preconceito equivocados.

No Brasil, pesquisas têm demonstrado que as relações sociais estão marcadas pela desigualdade, em que o fator cor/raça é determinante para a exclusão ou inclusão dos indivíduos. A exclusão da população negra, por exemplo, é diagnosticada em todos os estudos estatísticos em setores como trabalhos, saúde, educação. Etc., demonstrando a concentração da população negra em situação de desigualdade. Mananga, 1986. Vale ressaltar que a percepção das famílias negras quanto ao tratamento recebido por seus filhos no ambiente escolar por parte dos professores e colegas, bem como questionar como esses pais reagem diante da violência simbólica (Bourdieu) sofria por seus filhos nesse ambiente. Santos (2005, p.42)

Se observarmos podemos que é possível ver claramente expressões do racismo nos livros didáticos brasileiros e também que neste tema tem se encontrado na pauta de discussões de diversas áreas de estudo e recorte disciplinares como: Educação, História e tantos outros, que invadem o mundo do afro no seu contexto de cor/raça.

Evoca-se que o livro didático é um dos primeiros exemplos de desigualdade racial na educação. O discurso racista em livros em livros didáticos brasileiro apresenta um conjunto, tendências preconceituosas compartilhadas e diversificadas, sobretudo os relacionados em trazer a diversidade cultural e o multiculturalismo como algo importante a passar aos alunos.

Com isso analisamos a realidade no convívio escolar, que na grande parte é muito claro o movimento dos livros ao tratado com aluno em sala de aula e no meio ambiente.

Mesmo assim, os livros didáticos brasileiros são considerados não “racistas”, se comparados aos livros dos EUA, não demonstrando de forma tão clara o preconceito e o racismo. No conceito de Skidmore (1991) o brasileiro tem preconceito de ter preconceito. Mas Silva Jr, (2002) coloca ainda que no ativismo contemporâneo e após o processo de abertura política, o movimento negro vem se interessando e denunciando o racismo no livro didático, visando, especialmente, a uma proposta mais ampla de alteração curricular.

Portanto é nesse cenário de tantas contradições que lançarei o meu olhar enquanto pesquisadores para verificar como os alunos negros do 2° e 3° anos da escola de referência sofrem a preconceito, quanto a discriminação sofrida no ambiente escolar, pois, vários estudos acadêmicos tem demonstrado que as escolas são o local onde as crianças e adolescentes tem sofrido preconceito e discriminação refletindo dessa forma o que acontece na sociedade brasileira ,onde as diferenças não são respeitadas ,e que todos devem se encaixar a ele , apesar das diferenças.

Mesmo diante deste quadro desolador, o legislador brasileiro, quanto no presente, basicamente apenas utiliza a lei penal para dar conta do problema da discriminação racial, sendo óbvio que não tem alcançado o sucesso desejado, "pois a eficácia das leis anti discriminatória é muito precária "-argumenta uma juíza de Direito (SILVA 2001, p.13)

3. Prática pedagógica do professor em combater a discriminação

Compreender a ascensão social do universo pesquisado através da obtenção de maiores níveis de escolaridade implicou conhecer as trajetórias escolares de alguns estudantes negro-descendentes que conseguiram atingir o ensino público. Neste sentido, a pesquisa teve como objetivo investigativo o negro em situação de mobilidade ascendente, via educação.

Quanto ao termo negro-descendente, utilizamos para expressar o grupo caracterizado como sendo negro e mestiço, o mesmo foi inspirado por Teixeira (1998), de acordo com ela, há uma linha que separa aquelas pessoas consideradas como brancos e negros, por outro lado, a não fixidez dentro de uma escola de classificação racial para as que estão entre um grupo e outro, que, portanto, reivindicam uma mistura racial.

As desses conjuntos de autores, desenvolvidas para pensar a escola macro das estatísticas colhidas através de pesquisas quantitativas ou amostragens, parecem ser também úteis em escola cotidiana, qualitativa. Esse enfoque permite uma ênfase especial na produção de significados associados a características fenotípicas e a atribuições raciais, assim como nas inter-relações através das quais emergem as classificações de cor e de raça. Diferentemente da perspectiva da maioria desses estudos, porém, não se trata aqui de encontrar "a verdadeira cor" de uma criança ou adolescente, nem de minimizar a discrepância entre diferentes classificações, mas ao contrário, o interesse maior é localizar e qualificar essas diferenças e tentar aprender os significados escolares e de gênero que se articulam á categorização racial, sem perder de vista, ao mesmo tempo, as determinações socioeconômicas.

Para Teixeira (1998) Discriminação racial é algo que no discurso da sociedade brasileira não existe, porém o que se observa é uma postura totalmente contraria, que se apresenta de forma mascarada, encoberta em atitudes inocentes e casuais que trazem disfarçadas uma forte carga de exclusão racial. Com isso cabe ao

professor a esclarecer através de trabalhos claros e de palestras para conceituar e interagir o valor do negro em sala de aula, para que assim seja feito um trabalho de reabilitação social no convívio escolar.

A sociedade brasileira vive com vendas nos olhos, com uma cegueira a este respeito, sem querer discutir o problema. É preciso que se trate o assunto de frente pois o racismo está de forma sutil, entranhado nos segmentos fundamentais da sociedade, escola e na cultura brasileira e, conseqüentemente, o sistema educacional está incluído neste assunto.

Estes fatos retratam que existe uma violência “encoberta” e “normalizada” que impossibilita o exercício democrático e, conseqüentemente, a gestão democrática, pois é notório que o princípio fundamental da democracia é a igualdade de direitos, sejam brancos, negros, amarelos, mulatos, etc. Isso nos mostra a conscientização dos direitos humanos que devem ser por igual.

O entendimento melhor do preconceito em sala de aula reporta-se a um passado longínquo, ao período colonial, pós-abolicionista, pois alguns fatos da época terão que ser considerados, fatos estes referentes a especificidade da origem racial no Brasil.

Afirma APLLE, que a escola dentro da sociedade, tem o papel e combater o preconceito, preocupando-se em não reproduzir estereótipos que rotulem para desqualificar grupos raciais e étnicos, sendo um espaço democrático onde todos possam ser iguais tendo os mesmos direitos.

Sua função ter sentido no momento em que fosse capaz de preparar o aluno “ para viver no meio de culturas diferentes, compreendendo as situações das facetas culturais do convívio social, e a preparação do aluno branco e a vivência com negro construindo se o mesmo mundo humano.

[...] depois de um período de anos de experiências em instituições, nas quais os significados de raça e poder desempenham um papel tão importante, é quase destruído no processo. (APLLE, 1999, p. 14)

Desta forma, o compromisso dos educadores no processo educativos deve ser o de desenvolver, entre diferentes e iguais, a prática da tolerância, pois para Aquino (1998, p.33) “é preciso admitir que o outro exista, enquanto tal, reconhecendo-o como é, e diferente de mim”

E contando com a contribuição de todos, conscientizando os alunos da necessidade de conviver com as diferenças, proporcionando assim a mudança e desenvolvendo a possibilidade para os “diferentes” perceberem que calar nunca mais.

Portanto é de suma importância, neste processo, que a efetivação de práticas democráticas, na qual todos tenham o mesmo direito e sejam respeitados independentemente da cor ou raça, comece dentro das salas de aula, pois:

[...] a luta por democracia na educação não tem lugar apenas 'la fora'. Deveríamos estar profundamente preocupados com o que está acontecendo em nossas escolas elementares e secundarias [...] parte de nossas tarefas é questionar o que está de errado nessas instituições e fazer articulações com professores/as [...] que tentaram ensinar a toda uma comunidade de educadores/as , sozinhos ou coletivamente, desafiarem e ultrapassarem estas relações.(APLLE, 1999,p.27)

Assim de maneira sutil, o racismo vem sendo construído e colocado o negro em posição inferiorizada, sem voz, com o peso da pobreza. Estes são significados simbólicos, mediadores nas relações de poder de grupos e classes, e uma das causas das desigualdades entre negros e brancos na sociedade competitiva e de classe as quais pertencentes, esvaziando assim, o discurso de uma sociedade igualitária e justa.

Dessa forma podemos observar que é papel do educador como mediador fazer a interligação do negro, no convívio em sala de aula e sociedade, para que assim seja feita a interação, deixando de lado o preconceito e o racismo e a discriminação.

Conduzindo os passos de um trabalho a qual é papel nosso como educadores e mestres, usara métodos que possam interagir de uma forma clara e objetiva, quando sabemos que existem professores preconceituosos e discriminantes, assim compreende-se que a escola não cumpre o seu real papel, o de promover a igualdade, trabalhando o respeito e os valores culturais sem diferenças.

Ao contrário, ela reproduz toda e qualquer cultura dominante de determinada sociedade. Desta forma, a escola deixa de assegurar a democracia, dando lugar ao preconceito e a violência, esquecendo o caminho que deve tomar aquele que:

[...] Portanto significará a vida humana, reconhecerá os aspectos lúdicos e criativos das pessoas e verá os outros, não como objetos a serem manipulados ou 'libertados'para seguir os ditames da 'mão invisível' do mercado no processo de deliberar democraticamente sobre os fins e os meios de todas as suas instituições. (APLLE, 1999, p.15)

Ai compreende-se que o professor ele tem que abordar diversos métodos, para com isso trabalhar em sala de aula a interação entre o branco e o negro, de fato se a escola viabilizar este caminho estará abrindo um espaço para construção da democracia. Entretanto, é preciso que reverta a reprodução existente do preconceito, seja ela qual for, mais especificamente o racial (entre brancos e negro).

Este trabalho foi realizado através de uma pesquisa de campo na abordagem qualitativa (Minayo, 1992, p.22). Este trabalho foi realizado em duas escolas da rede estadual na cidade de Recife- PE, no ano de 2016, a fim de ampliar os conhecimentos a respeito do tema: "Educação Antirracista: O Preconceito Racial" abordado por esta pesquisadora, usando como método de trabalho observação na escola e entrevista, elaborada em questionário com 02 professores e 02 alunos da referida escola.

Atuações do Campo de Pesquisa

Pesquisa feita em duas escolas na cidade de Recife-PE através de entrevista realizada com 02(dois) professores e 02 (dois) alunos, para vivenciar o mundo real do preconceito em escola e sociedade.

Amostra

A amostra para realização deste trabalho foi coletada através de pesquisa, observação e visita a 02 escolas, com 02 professores e 02 alunos.

Instrumentos de Pesquisa

Neste estudo opto por uma postura de análise qualitativa. Essa opção reflete o meu entendimento de que esse enfoque é o mais adequado para interpretar os dados coletados.

Portanto é de fundamental importância a aplicação da entrevista e questionário focalizando os grandes temas do meu objeto de estudo: Racismo e Sociedade.

Análise e coleta de Dados

A análise foi feita pelo acolhimento de respostas ao questionário a qual abrange alguns fatores de grande preocupação pelo tema abordado. Preconceito Racial, na indiferença de cor/raça entre adolescentes em sala de aula e conviver em sociedade, onde observei que o racismo ainda prevalece com muita frequência no meio da sociedade e no convívio escolar.

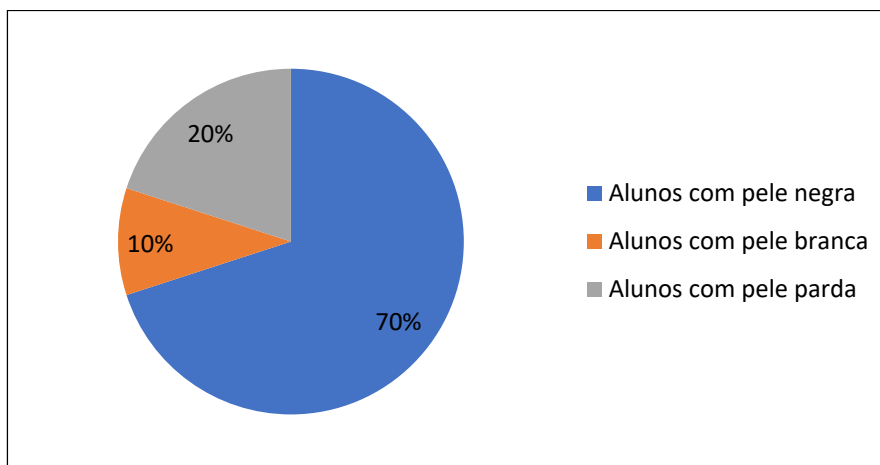
Discussões e resultado de Dados

Conclui-se este trabalho junto á fundamentação teórica que se faz necessário a que venhamos mergulhar na imensidão devastadora da metodologia para levarmos o conhecimento e a interação das diversidades em sala de aula e na família.

De acordo com os relatos dos professores o preconceito ainda existe com muita frequência, mesmo de um modo oculto e camuflado, na forma de agir em suas atitudes em questão de condição financeiras de forma nítida quando os discriminam, pois com isso demonstra o preconceito racial, sócio cultural e discriminatório por

conta de sua cor/raça. A partir de dados coletados e dispostos em gráficos como se pode analisar em seguida:

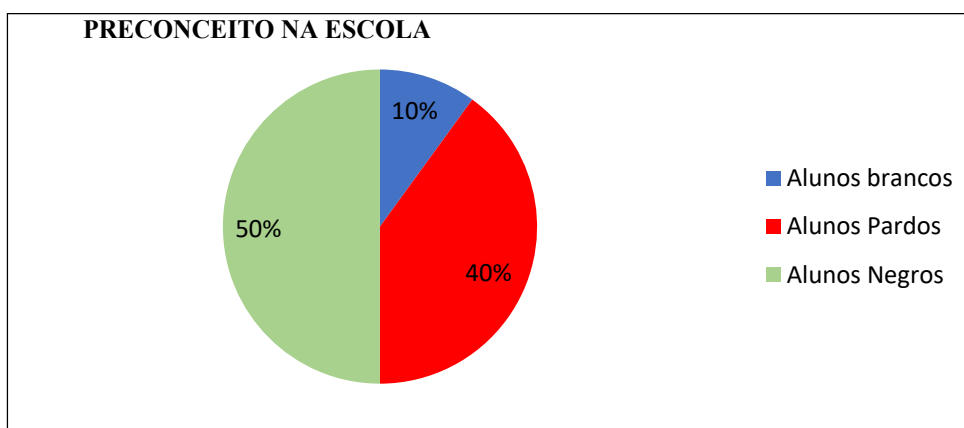
PRECONCEITO ENTRE ALUNOS



O Gráfico acima demonstra a realidade de uma escola na rede estadual que tem matriculados 70% de alunos com pele negra, enquanto os de pele branca corresponde apenas 10%, e alunos Pardos apenas 20%. Num estudo feito por Edward Telles e Nelson Lim (1998), que incluía a auto-classificação por Cor quanto a classificação pelo entrevistador, cuja análise foi retomada e ampliada posteriormente por Telles (2003). Estes autores argumentam e enfatizam o quanto critérios “não-físicos” afetam as características raciais dos brasileiros, que deve ser tomadas não como fatos objetivos e questionáveis, mas como um sistema cambiante, sujeito à percepção social, na qual o status socio-econômico tem um peso considerável.

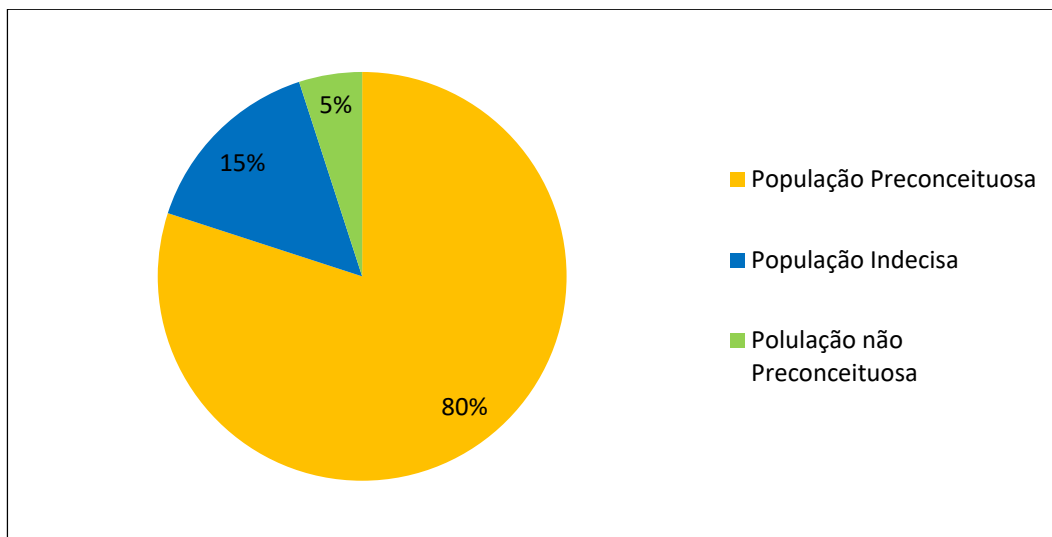
Para as pessoas entrevistadas: pais, professores, funcionários e alunos a formação dos alunos da escola é feita, ou pelo menos, vista da seguinte maneira:

PRECONCEITO NA ESCOLA



Alunos brancos 10%, alunos Pardos 40%, alunos negros 50%. Neste sentido, a escola possui uma clientela de alunos negros, oriundos da periferia, de classe pobre, são sujeitos que na sua grande realidade precisam ser orientados sobre a formação do nosso país e a contribuição do povo negro.

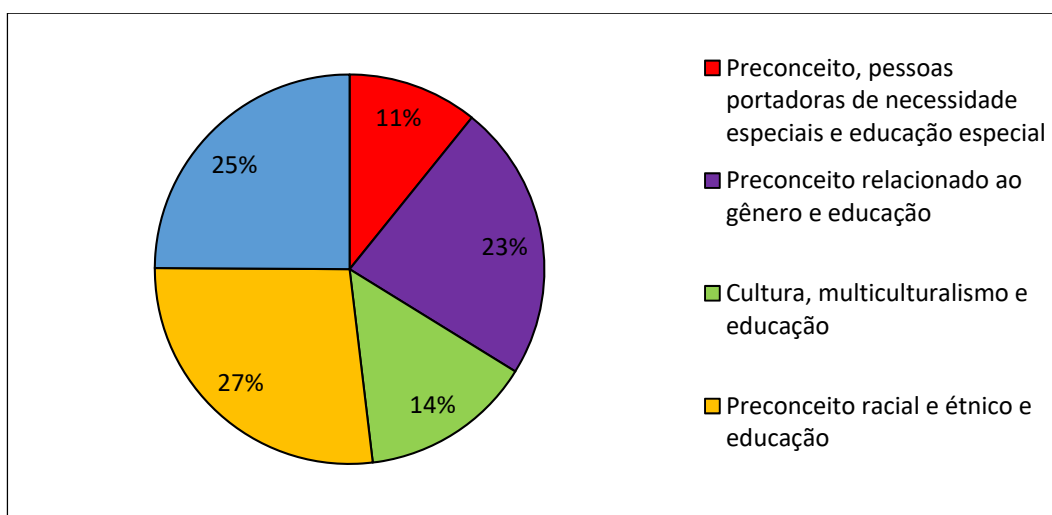
PRECONCEITO NA SOCIEDADE



De acordo com o gráfico 80% da população acredita que há preconceito da sociedade em relação ao negro e apenas 5% acreditam que não existe preconceito.

A princípio, eles acreditam no preconceito racial e na discriminação, pois, em sua grande maioria, eles sentiram na pele o racismo dentro e fora da escola. Porque em nossa sociedade o racismo é feito de forma sutil.

PRECOCEITO E EDUCAÇÃO



11%- Preconceito, pessoas portadoras de necessidade especiais e educação especial.

23%- Preconceito relacionado ao gênero e educação.

14%- Cultura, multiculturalismo e educação.

27%-Preconceito racial e étnico e educação.

25%- Exclusão social, marginalização, educação e sociedade.

A questão racial, entretanto não pode ser pensada no cotidiano da escola, somente através da especificidade da cultura negra. Será necessário também considerar o estudo da diversidade racial, religiosa e cultural que caracterizam a sociedade. Falar das relações raciais e preconceitos implica numa nova postura profissional, onde os educadores sejam entendidos e se entendam como sujeitos histórico-sociais, capazes de intervir nos constituintes da dinâmica social, da nossa escola e da nossa prática social.

CONCLUSÃO

O presente artigo buscou trazer para a reflexão subsídios teóricos e práticos para repensarmos a formação de alunos, professores e funcionários que atuam na escola, considerada uma organização multicultural. Não é possível esgotar o assunto, contudo, é possível levantar questões e reflexões que remetem à importância de levarmos em conta a prática pedagógica e o multiculturalismo na formação das identidades dos sujeitos que atuam no cenário escolar, no caminho da escola como organização social e multicultural.

Para isto, situamos a questão do preconceito racial na escola e sociedade, multiculturalismo com isso abordado a perspectiva da identidade negra no horizonte da escola como uma organização sócio cultural, tendo como ponto de partida episódio de discriminação no ambiente escolar e os relatos de experiências de professores na atuação com a desigualdade em sala de aula.

A partir das entrevistas cedidas pelos entrevistados, fica evidente que a escola ainda está um pouco distante de desempenhar o seu papel como uma organização multicultural, visto que muitas vezes é nela que encontramos situações que reforçam o preconceito e não valorizam o outro como ele é. Em relação a formação dos professores, percebe-se que ainda há muito o que fazer, principalmente quando falarmos ou relatarmos no currículo dos cursos de formação e adaptação para interação dos negros na escola. Como desejar o sucesso de professores e alunos negros que foram perdendo sua identidade devido a um perverso processo de sua história e de cultura.

Pensar na escola como organização multicultural e interativa, a partir dos aportes teóricos e do estudo de caso, parece passar por aspectos tais como: Construção coletiva de um projeto político pedagógico que configure a identidade institucional da escola como valorizadora da pluralidade e questionadora do preconceito racial; tornar a pesquisa multiculturalmente orientada como processo

de formação inicial e continuada de professores no sentido de problematização do racismo e dos preconceitos e da elaboração de projeto e estratégias curriculares e avaliativas desafiadoras do mesmo, tornar a interdisciplinaridade a partir de situações problema e temáticas raciais e indenitárias mais impactantes no currículo escolar, contratar maior número de professores negros, garantindo sua representação no espaço escolar, articulares temas e assuntos nos diversos campos disciplinares ao questionamento de relações desiguais frutam de discriminação e construção de diferenças; trabalhar com os alunos da escola e a comunidade mais interativa e participativa, incluindo a família no sentido pró ativo do multiculturalismo, desafiando a construção das diferenças fortalecendo clima institucional aberto á diversidade.

Nesse sentido, é necessário que a escola caminhe para seu reconhecimento como uma organização multicultural, educando as novas gerações na convivência, respeito e valorização das culturas plurais, a educação em seus diversos contextos, é chamada a desempenhar um papel relevante na preparação da intolerância. Fazendo assim um trabalho consciente e educativo instruindo a criança no direito de respeitar e interagir branco e negro.

REFERENCIAS

APPLE, Michael. **Política Cultural e Educação**. São Paulo. Cortez, 2000.

AQUINO, Júlio (org.). **Diferenças e Preconceito na Escola**. São Paulo: Summus, 1998.

ASSIS, M. D.P., CANEN, A. **Identidade negra e espaço educacional: vozes, história e contribuição do multiculturalismo**. Cadernos de pesquisas, nº 34, p.709-724, set/dez 2004.

ARAÚJO, Tereza Cristina N. **A Classificação de Cor nas pesquisas do IBGE: notas para uma discussão**. Caderno de pesquisa, São Paulo, nº 63, p. 14-15, nov.1987.

ARANHA, M.L de A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ABRAMOVAY, M. **Violência nas escolas**, Brasília: UNESCO, DST/AIDS do Ministério da Saúde, sec. de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME,2002.

BAULMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida; tradução de Plinio Dentzien**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. Ed, 2004.

BRITO R.C. de C.& LAMARÃO, M. L. **Criança, violência e cidadania**. Belém; UNAMA/FCBIA/ASIPAG. 1994.

CANEAU, Vera Maria (Coord.) **Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos**. Rio de Janeiro; DP&A, 2003.176 p.

CANEN, A. G.; CANEN, A. **Organizações multiculturais**. Rio de Janeiro; Ed. Ciências Moderna, 2005ª

D'ADESKY, J. **Racismo e antirracismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas,2001.

FERREIRA, R.F. **Afrodscendentes, Identidade em construção**. São Paulo EDUC, Rio de Janeiro: Pallas,2000

FLEURI, Reinaldo Matias (org.) **Educação Intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A. 2003, 156p.

GUIMARÃES, A.S.A. **Raça e os estudos de relações raciais no Brasil**. Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, n° 54, p.147-156, jul.1999.

_____ **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de apoio à universidade de São Paulo; Ed.34.1999.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**/ Nilma Lino Gomes. Belo Horizonte, Autêntica,2006.

Gonçalves, L.A.O.; Silva, P.B.G. **O Jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. 3 Ed. Reimp. Belo Horizonte: autentica 2004.

GONÇALVES E SILVA. P.B. **Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania**. In: **Abramowioz, A.& Silvério, V.R. Afirmando diferenças montando o quebra-cabeça da diversidade na escola**. São Paulo: Papirus Editora, 2005, pp.27-54.

“HELLER, A.” **Sobre os Preconceitos** “In: **Cotidiano e a História**. São Paulo: paz e terra,1988.

KRAMER, Sonia. **“Bicho Bandido” e “Pedaço de Pão”**. In: **Por entre as pedras armas e sonho na escola**. São Paulo: ática,1993.

KALOUSTIAN, Silvio M. (org) **Família Brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez; 4ª edição São Paulo, 2000.

LOPEZ, Jose de Souza Miguel. **Diversidade Etnocultural na Escola**. Jornal a página da Educação, v.11, n° 118, p.10. Dez 2002b. Disponível em: <HTTP:// [www.a-pagina - da -educação. pt/arquivo/artigo.asp? Id 2165](http://www.a-pagina-da-educacao.pt/arquivo/artigo.asp?Id 2165)>

MELUCCI, Alberto. O Jogo do Eu: Mudança de si em urna sociedade global. ° Rio Grande do Sul, EditoraUnisinos, 2004.

_____, (2000), uma abordagem Conceitual das Nações de Raça, Racismo, Identidade e Etnia, Cadernos PENESB. N° 5 pp.15-34.

MOREIRA. Aisele. Salvador (BA) - 24/05/2007. **Cultura e Sociedade-Racismo-Exclusão Social - Brasil**.

MORAES, Regis de. **Violência e Educação**. Campinas. São Paulo. Papyrus, 1995.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das nações de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3° Seminário nacional Relação Raciais e Educação, n°03. Porto Alegre, 1991.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto Branco. Estudos de relações raciais**. São Paulo: T.A Queiroz, 1979.

OLIVEIRA. Kiusam Regina de. **Duas histórias de Autodeterminação: a construção da identidade de professores afrodescendente**. Dissertação (mestrado). Instituto de psicologia da universidade de são Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, 2001.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural: orientação sexual/Ministério da Educação. Secretária da Educação Fundamental. -3 ed.- Brasília: A secretária, 2001.

RODRIGUES, Jose Carlos. **Tabu do Corpo**. Dissertação (mestrado). Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1975. Silvia, Tomaz Tadeu. **Teoria cultural e educação- um vocabulário crítico**. Belo horizonte, autêntica, 2000.

ROMÃO, J."O Educador e a Construção de Uma autoestima positiva no educando negro" in: Cavalheiro (org.) **Racismo e antirracismo na educação**. São Paulo: Summus, 2001.

ROSEMBERG, Fúlvia/Piza, Edith. **Cor nos censos brasileiros**. IN: CARONE, I. / BENTO, M. a. s. (orgs) **Psicologia social do racismo: estudo sobre branquitude e branqueamento no Brasil**, Petrópolis, vozes, 2002.

SERRANO, G.P. **Educação em Valores: como educar para Democracia**. 2. eds. Porto alegre: Artmed,2002.

SILVA, jr. Hélio. **Discriminação Racial nas escolas: entre as leis e as práticas sociais**, Brasília: UNESCO, 2002, p.94.

SANTOS, Ângela Maria, **Das Vozes e Silêncio do Cotidiano Escolar**; análise das relações raciais entre alunos negros e não negros em duas escolas públicas no município de Cáceres-MT. Cuiabá: UFMT/IE,2005.

TELLES, E. **Racismo á Brasileira: uma perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Ford, 2003

TEXEIRA, Moema de. **Relações Raciais na Sociedade brasileira**; In: Oliveira, I. SISS, A.; (orgs) **População Negra e Educação Escolar**. Cadernos PENESB. 7; EDUFF, Niterói, RJ_Brasil,2006.

_____, **Negros e Universidade, Identidade e trajetória de Ascensão Social no rio de janeiro**. Rio de Janeiro, 175p. Tese de Doutorado, (mimeo)

WOODWARD, K. **“Identidade e Diferença: Uma introdução e Conceitual”** In: Silva. **Identidade e Diferença**. A perspectiva de estudos culturais. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2000.

Sobre os autores:

Alan Isaac Mendes Caballero Mestrando no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação na UNICAMP, cuja linha é Ciências Sociais. Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Educação e Sociedade (GPPES) da mesma faculdade. Graduado em 2017 pela Faculdade de Educação da UNICAMP em Pedagogia. Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação de Amparo à Pesquisa pelo Estado de São Paulo (FAPESP) durante o período da Iniciação Científica. E-mail para contato: alanisaac09@gmail.com.

Alessandra Alexandre Freixo Possui Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997), Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e Doutorado em Ciências Sociais pela UFRRJ (2010). Atualmente é Professora Titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atuando principalmente nas seguintes temáticas de pesquisa: educação e ruralidades, imagens e narrativas no mundo rural, estudos de cultura e mundo rural, ensino de ciências no contexto da educação do campo.

Anna Carla Ferreira de Araújo Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

Anna Cristina Ferreira de Araújo Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do projeto de extensão PIPEX, UFPE. Trabalha na área de biologia vegetal com ênfase em biologia de Briófitas.

Brenno Fidalgo de Paiva Gomes Graduação em Educação Artística pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; Grupo de Pesquisa: CORPOSTRANS. e-mail: brenno.fidalgo@gmail.com

Candida Soares da Costa Professora da Universidade Federal de Mato Grosso; Membro do corpo docente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; Graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação E-mail: candidasoarescosta@gmail.com

Cynthia Nery da Silva Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); cynthianery@outlook.com

Edmar Ferreira Santos Professor da Universidade do Estado da Bahia. Membro do corpo docente do Programa de Especialização em Educação e Diversidade Étnico-Racial do Departamento de Ciências Humanas, campus VI da Universidade do Estado

da Bahia. Graduado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia, programa onde atualmente desenvolve pesquisa de doutorado com apoio do Programa de Bolsas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB. E-mail: estudosafricanos.edu@gmail.com

Emanuelle de Oliveira Belisario Estudante do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (Centro Acadêmico do Agreste) e bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação a docência (Pibid). Email: emanuelleoliver@hotmail.com

Érica Monale da Silva Gomes Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: mmonale009@gmail.com

Grasiela Lima de Oliveira Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2015) e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2012). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação stricto sensu da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA (Previsão de término – 2018). Participa do grupo de pesquisa Carta Imagem, coordenado por Alessandra Freixo. Bolsista CNPQ. Atua principalmente nas seguintes áreas: ensino de ciências no contexto da educação do campo, narrativas, educação e ruralidades, formação docente.

Hellen Cristina de Oliveira Alves Professor da Faculdade Afonso Mafrense; Psicóloga do Instituto Federal do Piauí; Graduação em Psicologia pela Faculdade Santo Agostinho; Mestranda em Educação pela Anne Sullivan; E-mail para contato: hellencrisss@gmail.com

Hercules Guimarães Honorato Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA/RJ), ano de conclusão 2012. Graduação em Ciências Navais com Habilitação em Administração pela Escola Naval (ano de conclusão - 1982). Especializações em: Gestão Internacional (2007) e MBA Logística (2009) pelo Instituto COPPEAD de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e Docência do Ensino Superior (2008) pelo Instituto a Vez do Mestre da Universidade Cândido Mendes, RJ. Doutor e Mestre em Política e Estratégia Marítimas pela Escola de Guerra Naval (EGN) - Rio de Janeiro, anos de conclusão 2007 e 1999 respectivamente. Diplomado pela Escola Superior de Guerra (ESG) do Rio de Janeiro no Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE-2010). Professor convidado da Escola Superior de Guerra desde 2009, dos Cursos de Altos Estudos de Política e Estratégia e Logística e Mobilização Nacional. Assessor Especial do Superintendente de Ensino da Escola Naval (EN) desde set. 2012 e professor da Disciplina de Metodologia da Pesquisa da mesma IES militar. E-mail para contato: hghhhma@gmail.com

Isabella Nara Costa Alves Graduação em Pedagogia pela Faculdade dos Guararapes; Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em raça, gênero e sexualidades Audre Lorde (GEPERGES); E-mail para contato: isabella.athos@live.com

Ivonildes da Silva Fonseca Possui graduação em Biblioteconomia e documentação pela Universidade Federal da Bahia (1979), graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1990), graduação em Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1992), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (1995) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2011). Atualmente é professora horista do Centro Universitário de João Pessoa, professor titular da Universidade Estadual da Paraíba, colaboradora - Bamidelê - Organização de Mulheres Negras na Paraíba, coordenadora - Bamidelê - Organização de Mulheres negras na Paraíba, voluntária do Instituto de Referência Étnica e efetivo da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: mulher negra, educação e etnia, escola e sociedade, racismo e legislação. Grupo de pesquisa: Dandê: educação, gênero e representações afro-brasileiras. Email: vania_baiana@hotmail.com

Jéssica Dyane da Silva Martins Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); jessicamartinsjp@outlook.com

Lígia Luís de Freitas Professor da Universidade – Centro Universitário de João Pessoa; Membro do corpo docente da Graduação – Centro Universitário de João Pessoa; Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, com sanduíche na Universidade de Barcelona, na área de currículo. Núcleo/Grupo de pesquisas: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero (NIPAM); Grupo de pesquisa interdisciplinar Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde (MUCGES)

Lilian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; e-mail: gabriellaufpi@outlook.com.br

Luciana Menezes de Lima Mendes Graduação em andamento em Pedagogia. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil. Ensino Médio (2º grau). Dona Leonor Porto, DLP, Brasil

Maria Joselma do Nascimento Franco Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo -USP (2005), professora associada da Universidade Federal de Pernambuco, Coordenadora (Pibid) fomentado pela CAPES - Subprojeto Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste, pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea - PPGEduc. Email: mariajoselmadonascimentoofranco@gmail.com

Maria Juliana Chaves de Sousa Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; membro do grupo de pesquisa Centro de Estudos e Documentação em Educação – CEDE da UEFS.

Maria Raquel Alves da Rocha Atualmente desenvolve pesquisas sobre cultura cigana, abrangendo a performance nos rituais ciganos e suas manifestações artísticas. É professora do curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Piauí - UFPI e cursa mestrado em Antropologia, pela UFPI. É graduada em Licenciatura em educação artística, com habilitação em Artes Plásticas; é especialista em Arteterapia em Educação e também especialista em Dança e consciência corporal. É docente da Secretaria de educação e cultura do estado do Piauí (SEDUC-PI). A autora é artista designer e bailarina e já desenvolveu trabalhos em danças ancestrais no estado do Piauí. Seu e-mail é raquelalvesrocha@hotmail.com

Maysa Conceição de Farias Albuquerque Estudante do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (Centro Acadêmico do Agreste) e bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação a docência (Pibid). Email: maysa.albuquerque@outlook.com

Nágib José Mendes dos Santos Professor da Universidade Federal de Alagoas/UFAL – Campus A.C. Simões; - Membro do corpo docente do Curso de Letras-Libras Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. Graduação em Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas. Mestrado em Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/CEDU/ Universidade Federal de Alagoas. Participante do Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos em Educação e Diversidade – NEEDI. E-mail para contato: nagibem@gmail.com.

Osmar Barbosa dos Santos Ribeiro Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Maria Milza – FAMAM e em Letras Português/Inglês Pelo Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR; especialista em MBA Gestão de Pessoas e em Gestão Escolar pela Faculdade Batista Brasileira - FBB, em Educação do Campo e Desenvolvimento Rural Sustentável pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias – FAC; mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; membro do grupo de pesquisa Carta-Imagem - UEFS; bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Atuando principalmente nos seguintes temas: educação do campo, projeto político pedagógico, práticas pedagógicas em ambiente hospitalar, educação e formação docente. E-mail para contato: osdi.art@hotmail.com.

Paula Paulino da Silva Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: paulinha.s90@hotmail.com

Rafael Gomez da Silva Carneiro Graduação em Direito pela UNINOVAFAPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; Grupo de Pesquisa: CORPOSTRANS. e-mail: rafaelgomezcarneiro@gmail.com

Rayane dos Santos Borges Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); santosborges1897@outlook.com

Roberto Vinicio Souza da Silva Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí UESPI – Campus Parnaíba – Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Juventudes (NEPJUV/UFPI-Parnaíba)

Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí UFPI – Campus Parnaíba – Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí UFPI – Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI) – Professor do Município de Luis Correia - PI

Rosemary Meneses dos Santos Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Castelo Branco – RJ – Especialista em Libras pela Faculdade de Ciências e Tecnologia de Teresina – FACET/CCTP e Especialista [Psicopedagogia](#) pela ISEPRO em Parnaíba. Professora do Município de Tutóia - MA

Silvana Nóbrega Gomes Professora do Centro Universitário de João Pessoa; Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB; Mestre Em Educação Física e Esportes pela Universidade de Granada/Espanha UGR/ES; Doutora em Educação Física e Esportes pela Universidade de Granada/Espanha UGR/ES; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)-Coordenadora pedagógica. Silvana.n.g@hotmail.com

Suely Marilene da Silva Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais Instituição Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Formação em Pedagogia pela Instituição Universidade Vale do Acaraú – UVA; Pós-graduada em Gestão Escolar e Coord. Pedagógica Instituição Faculdade de Saúde de Paulista – Fasup; Pós-graduada em Psicologia Organizacional e do Trabalho Instituição Faculdade de Saúde de Paulista – Fasup

Suzana dos Santos Cirilo Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: suzana.182009@hotmail.com

Tamires de Campos Leite Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas. Graduanda do Curso de Letras-Libras Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. E-mail para contato: ttamireslleite@gmail.com.

Valdeci Silva Mendes Técnico Administrativo em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; Graduação: em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso; Mestrado: em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Doutorando: em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação; E-mail: valdeciconexoes@ufmt.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93243-77-6

